



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do Programa Mais Cultura**

**Teatro Nacional de Brasília - DF, 04 de outubro de 2007**

Eu estava olhando no relógio e vendo que, no próximo lançamento de um programa de Cultura, nós teríamos que nos fazer acompanhar, Patrus, de um marmitex, para que a gente fosse comendo...

Meu querido Sérgio Mamberti, eu sei que essa emoção que você demonstrou é uma coisa que eu já conheço há uns 20 anos. Portanto, eu sei que, como você, outros defensores de uma política de cultura estão sentindo parte do que você sentiu.

Quero agradecer ao ministro Gilberto Gil e ao Juca, à sua equipe e aos outros ministros, e à equipe do Ministério da Cultura, que elaboraram este Programa.

Quero dizer para vocês que a grande novidade deste Programa, na apresentação do Juca... primeiro que nós não temos medo de dizer como o Brasil é, para que a gente possa vislumbrar a possibilidade de fazer um outro país. E, por isso, é importante a presença aqui de governadores – Jaques Wagner, Wellington e Marcelo Déda –, é importante a presença de prefeitos e prefeitas, de deputados, secretários de Cultura de estados, secretários de Cultura municipais. O que nós estamos fazendo, na verdade, é tentar criar uma política de Estado para este País, não a política do ministro Gil, do presidente Lula. Isso tem que ser uma política de Estado em que qualquer governo que venha a governar este País faça o que ele quiser, mas a base de uma política cultural do Estado estará plantada, para que ele possa cumprir e atender uma demanda da sociedade.

Eu acho que esse é o grande feito, e eu queria... vou falar muito pouco hoje, Gil. Normalmente, eu tento improvisar para economizar tempo nos meus



discursos que são, não tão longos, mas médios, e o improviso faz com que eu fale muito mais. Hoje eu vou realmente falar pouco aqui. Quero dizer que o Juca veio aqui, falou de milhões e milhões, mas ele não disse para vocês que o Ministério pode arrancar até 1 bilhão de reais a mais nas emendas parlamentares e, por isso, eu mandei logo chamar o Arlindo Chinaglia para a mesa, porque ele é o presidente da Câmara, grande liderança dos parlamentares. Mas, nessa questão cultural, acho que os deputados são todos sensíveis, eu acho que nós não teremos problemas.

Gil, eu vou dizer para você, para o Juca e para os companheiros do Ministério o que eu disse ontem, no lançamento do Programa de Ciência e Tecnologia para o País. Está uma coisa tão repetitiva, Marcelo Déda, esse negócio de que “pela primeira vez, nunca antes, nunca dantes”, mas é verdade. E é verdade não por mérito do Gil, do Juca, do Lula, mas é porque nunca antes a sociedade brasileira teve uma participação na elaboração das propostas de políticas públicas, como ela teve nesses quatro anos e meio de governo. Só eu participei de 47 conferências nacionais. Só eu. Cada conferência dessas necessita de uma conferência estadual, e cada conferência estadual necessita de dezenas de conferências municipais. Então, são milhões de pessoas envolvidas em todas as definições das políticas públicas. É por isso que quando nós a apresentamos há uma enorme concordância da grande maioria das pessoas, porque cada um percebe que tem o seu dedo, tem a sua palavra, tem a sua proposta, tem a sua luta ali dentro. E certamente estamos longe de chegar à perfeição, mas certamente estamos fazendo mais do que já foi feito, com a certeza de que no ano que vem poderemos fazer mais, no outro ano poderemos fazer mais, até que a gente possa fazer tudo que nós sempre sonhamos fazer para todas as áreas deste País. Este é o compromisso.

E falando em cultura, quero dizer para vocês que é extremamente anti-cultural eu estar aqui sendo visto por todos e eu não poder ver vocês porque as luzes estão apagadas. Como eu não sou um artista, se o pessoal da luz



pudesse repartir a luz com o plenário, por que qual é a impressão? Eu vou sair daqui sem ver ninguém. Eu gostaria, como eu sou um cidadão motivado pelas emoções, eu precisava ver os rostos das pessoas aqui porque eu vou dizer: participei do ato de lançamento do Programa de Cultura que tinha cara. Mas se eu sair assim, eu não vou dizer que tinha cara, porque eu não estou vendo. Eu queria pedir ao pessoal que pudesse acender um pouco. Todos estes ministros e outros que não estão aqui assumem junto com o Ministro da Cultura para dizer em alto e bom som neste País, em qualquer parte do território nacional, que a política cultural do país não é mais apenas responsabilidade do Ministério da Cultura, é responsabilidade do presidente da República com os 190 milhões de brasileiros que ajudaram a construí-la. Essa é a novidade do lançamento deste programa, porque senão fica fácil. Alguém vem se queixar da cultura e fala: “Isso é com o Gil”. Alguém encontra com o Patrus e fala mal da cultura: “Isso é com o Gil”. Ou seja, fica uma transferência de responsabilidade quando todos nós somos governo. Um time de futebol quando perde, perdem todos. Não é isso? Um conjunto musical quando perde, perdem todos. Um grupo de teatro quando está fazendo uma peça, se a peça não der certo, perdem todos. Não tem um que vai escapar de uma peça. A peça só vai ser daquele ali, porque ele deu certo. No governo também, não tem governo de um. O governo é um conjunto de erros e acertos, e a gente consegue errar menos na medida em que a gente consegue envolver a sociedade na elaboração dessa proposta.

Então, companheiro Gilberto Gil, companheiro Juca, além de reconhecer a competência extraordinária do programa que vocês apresentaram aqui, eu quero terminar dizendo para vocês: sou cúmplice na vontade de fazer este programa, porque o Brasil, lamentavelmente, nunca teve uma política cultural. Ela tinha ações de ministros, ela atendia determinados públicos, às vezes, muito seletivos. Quando nós tentamos estender dinheiro da cultura para todo o território nacional, houve setores que reagiram, porque obviamente o bolo ia só



para um lado, e nós queremos que o bolo seja nacional. O estado de Roraima não vai receber a quantidade de dinheiro que vai receber o Rio de Janeiro ou São Paulo, mas ele tem direito, porque lá também tem cultura. Não a cultura da Avenida Paulista ou da Avenida Atlântica, mas a cultura do povo de Roraima, que tem que ser nacionalizada, divulgada, para que todo mundo saiba que existe. Porque essa é a cultura mais forte, ou seja, é a possibilidade de a gente conseguir construir uma expressão cultural a partir de mostrar este País como ele é por dentro, o que o povo sabe fazer, como sabe fazer e respeitando todo mundo. Eu sei o quanto o Gil sofreu com isso, eu sei o quanto apanhou, eu sei o quanto é triste. Nós tentamos fazer a Ancine e a Ancinave, era um pré-projeto, era uma coisa que não tinha nem sido discutida no governo, era um daqueles borrões que se faz. O Gil quase foi massacrado. Por quê? Porque estava mexendo em interesses de décadas, de poucas pessoas, que se beneficiavam das coisas neste País.

Então, eu quero, Gil, dizer para você: olhe, é gratificante governar um país num momento como este. Vocês podem ter certeza. Pode ser que tenha presidente que diga que “é duro ser presidente, que é sofrido ser presidente”. Eu gosto, Deda, porque estou realizando coisas nas quais eu acreditava e estou percebendo que é possível fazer as coisas que pareciam impossíveis porque as pessoas nem tentavam. O fraquejado é aquele que coloca obstáculo antes de tentar fazer as coisas. É aquele que se levanta de manhã “não posso, não dá, não vão deixar”, como se houvesse algum impeditivo maior do que a força motora produtiva da vontade de uma nação.

Nós estamos retratando um pouco isso aqui. Eu sei que isso não é tudo, falta muito, mas o País está arrumado. Nós temos muita, mas muita coisa para fazer ainda, mas o principal nós já fizemos: construímos a base para dar os próximos saltos. Eu quero confessar aqui que, desde o dia 22 de janeiro, quando nós lançamos o PAC e resolvemos criar o Conselho Gestor para fazer com que o PAC desse certo e, a partir daí, lançamos o Programa para a



Juventude Brasileira, o Programa de Segurança Pública, o PDE, da Educação, o Programa da Secretaria do nosso Paulinho, das Pessoas com Deficiência e o Territórios da Cidadania, que é uma coisa extraordinária, eu comecei a perceber que as pessoas tinham aprendido a fazer planejamento com consistência.

Então, vocês imaginem, quando nós decidimos fazer o PAC de urbanização de favelas e saneamento básico, a primeira decisão que nós tomamos foi a seguinte: não vamos pulverizar o dinheiro, vamos centralizar onde está o grande problema. Mapeamos as 11 principais regiões metropolitanas e vamos fazer o que nunca foi feito neste País. Agora, não adianta a gente fazer o esgoto, fazer a rua, urbanizar a favela, e não ter lá uma escola, não ter lá um ponto de cultura, não ter lá um lugar para as pessoas terem acesso à internet. Não adianta a gente tirar o pessoal da escuridão da cidadania urbana e deixá-lo na escuridão da cidadania cultural. É preciso que a gente faça com que as coisas aconteçam, e nós temos três anos e meio.

Se é verdade que todos nós acreditamos que a cultura é a expressão da alma de um povo, na verdade nós estamos aqui discutindo a nossa alma. E eu acho, Gil, que nós conseguimos fazer o que era certo: paciência para ouvir, para construir, para tirar de cada um de vocês, do muito que vocês podem dar, um pouco do que nós precisávamos para fazer uma mistura, uma miscigenação das idéias, porque senão ia pegar tudo só de um. Pegamos um pouco de cada um e conseguimos construir um programa.

Eu queria pedir para vocês: não permitam que nós não cumpramos este programa, cobrem. Cobrem do Juca, cobrem dos prefeitos, cobrem dos governadores, cobrem do Gil. De mim e do Gil vai ser mais difícil cobrar, porque a gente viaja bastante, mas cobrem. Porque se vocês não cobrarem, a gente pensa que está acontecendo. E, logo, logo, vai vir a TV Pública brasileira. E aí, a gente vai poder ter uma cara verdadeiramente brasileira, com defeitos e virtudes, com coisas boas e coisas ruins, mas, antes de tudo, uma



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

cara com orgulho, porque é a cara deste País.

Muito obrigado, boa sorte e que Deus nos abençoe.